

A ENFERMAGEM EM OBRAS CLÁSSICAS DA LITERATURA: ESTUDO COM BASE SOCIOLINGUÍSTICA

Onã Silva¹, Mauricio Apolinário², Taka Oguisso³

Objetivo: a história de uma profissão pode ser contada por quem a vivencia na prática, a analisa ou a imagina. Historicamente, alguns escritores incluíram a enfermagem em suas obras literárias. **Objetivo:** analisar o ofício da enfermagem, em obras literárias clássicas, utilizando a técnica sociolinguística. **Metodologia:** estudo histórico com aplicação de análises sociolinguísticas em nove obras literárias que descrevem a enfermagem. **Resultados:** diálogos das obras referentes à enfermagem, extraídos das narrativas sobre as personagens criadas pelos escritores selecionados, forneceram análises sociolinguísticas. **Conclusões:** a literatura é um campo histórico importante para o desenvolvimento de estudos que permitirão aprofundar análises sobre a identidade profissional da enfermagem.

Descritores: Enfermagem, História da Enfermagem, Literatura.

NURSING IN CLASSICAL LITERARY COMPOSITIONS: A STUDY BASED ON SOCIOLINGUISTIC METHOD

Objective: A story of a profession may be told by those who live it in practice, analyzes it or imagines it. Historically, some writers have included nursing in their literary compositions. **Objective:** to analyze the nursing service through classical literature compositions, utilizing the socio-linguistic technique. **Method:** historical study through application of the sociolinguistic analysis within nine literary compositions that have described nursing. **Results:** dialogues from the compositions related to nursing, extracted from those narratives about the characters created by selected writers, have provided a very interesting sociolinguistic analysis. **Conclusion:** literature is a very important historical field for the development of studies which will allow further analysis on the identity of the nursing professional.

Descriptors: Nursing, Nursing History, Literature.

LA ENFERMERÍA EN OBRAS CLÁSICAS DE LITERATURA: UN ESTUDIO CON BASE SÓCIO-LINGUISTICA

Objetivo: La historia de una profesión puede ser contada por quien la vivencia en la práctica, la analiza, o la imagina. Historicamente, algunos escritores han incluido la enfermería en sus obras literarias. **Objetivo:** analizar el trabajo de enfermería en obras literarias clásicas, utilizando-se la técnica sociolinguística. **Método:** estudio histórico con utilización de análisis sociolinguísticas en nueve obras literárias que describen la enfermería. **Resultados:** diálogos de las obras referentes a la enfermería, extraídos de las narrativas sobre los personajes creados por los escritores seleccionados, han ofrecido análisis sociolinguísticas. **Conclusiones:** la literatura es un campo histórico importante para el desarrollo de estudios que permitirán aprofundar análisis sobre la identidad profesional de enfermería.

Descriptor: Enfermería, Historia de la Enfermería, Literatura.

¹Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Secretaria de Estado de Saúde. Brasília, DF. E-mail: onatil.silva@gmail.com

²Professor de Português e Literatura. Especialista em História do Brasil e Região. Escritor. Brasília, DF

³Enfermeira e advogada. Professora Titular. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (aposentada). São Paulo, SP.

INTRODUÇÃO

Em pesquisa histórica, faz-se importante recorrer ao tempo pretérito, pois os fatos acontecidos – ou narrados – contribuem na explicação do presente. Pensando assim, os autores reportaram-se às literaturas clássicas para conhecer o imaginário dos escritores acerca da enfermagem e/ou ofício do enfermeiro, nos séculos passados.

Nota-se, pelas publicações, que os estudos para historicizar a profissão de enfermagem têm sido, majoritariamente, de autoria dos próprios profissionais, voltados às histórias biográficas e institucionais⁽¹⁻⁵⁾.

Inegavelmente que os estudos citados – e outros publicados – são contributos à profissão do cuidar. Entretanto, no percurso histórico, observou-se que são raras as produções literárias criadas no campo do saber da enfermagem – romances, contos, novelas, por exemplo – abordando os fatos e as vivências pelo olhar daqueles que realmente estão na lida cuidativa.

Problematiza-se que essa carência da literatura no campo saber-enfermagem deve-se ao fato de a profissão ter a sua base tecnicista, comprometendo a reatualização do *habitus* dos seus agentes, para as novas atuações, incluindo a produção científica escrita utilizando as linguagens literárias. Poucos agentes da enfermagem, na trajetória profissional, têm reatualizado o *habitus* e investido em produções literárias⁽⁵⁻⁶⁾.

Destarte, considerando a relevância de estudos que abordam a história da enfermagem sob o ponto de vista literário – e que esses oportunizam o desenvolvimento científico e a construção de referencial histórico das profissões – os autores trabalharam na construção deste artigo. Idealizou-se como objetivo: analisar o ofício da enfermagem em obras clássicas literárias utilizando a técnica da sociolinguística.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo histórico, desenvolvido com aplicação de técnicas da análise sociolinguística, em obras literárias que retratam a enfermagem. Utilizaram-se como fontes primárias nove obras literárias clássicas, escritas por autores brasileiros e portugueses do período do Romantismo e Realismo-Naturalismo, com alguma referência à enfermagem ou ao seu ofício.

Na coleta de dados, identificaram-se seis escritores, cujas obras foram lidas e analisadas, extraindo-se os diálogos ou extratos textuais relativos à enfermagem ou ao ofício de cuidar prestado pelos personagens.

RESULTADOS

A enfermagem nas obras clássicas da literatura

A célebre definição de Florence Nightingale sobre a enfermagem tem aspectos literários e de arte:

A Enfermagem é uma arte; e para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso, quanto a obra de qualquer pintor ou escultor; pois o que é tratar da tela morta ou do frio mármore comparado ao tratar do corpo vivo, o templo do espírito de Deus? É uma das artes; poder-se-ia dizer, a mais bela das artes!

Algumas obras de autoria de profissionais de enfermagem, tais como romances, poesias e outros gêneros, estão sendo desenvolvidas e publicadas, nos últimos anos⁽⁵⁻⁶⁾.

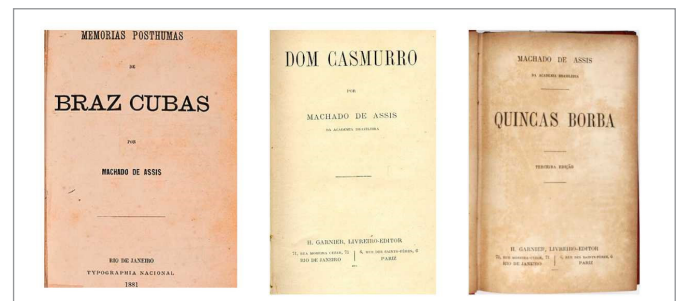
Identificou-se na literatura brasileira que alguns escritores criaram em suas obras personagens no ofício de enfermeiro. Dentre esses, cita-se o escritor cearense José de Alencar (1829-1877), considerado o precursor do romantismo no Brasil. Nas obras *Luciola* (1862) e *O Gaúcho* (1870)⁽⁷⁻⁸⁾, existem cenas e diálogos referenciando a enfermagem prática (Figura 1).

Figura 1 - Imagens das capas das obras de autoria de José de Alencar.



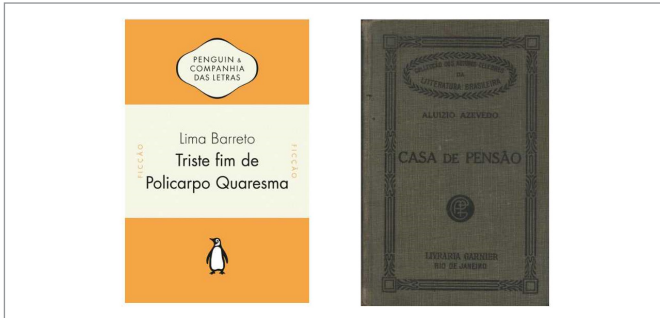
No período do Realismo-Naturalismo, outros escritores retrataram a enfermagem. Machado de Assis (1839-1908), grande escritor – fundador e Presidente da Academia Brasileira de Letras –, fez referência à enfermagem nestas obras: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1915)⁽⁹⁻¹¹⁾ e no conto *O Enfermeiro* (Figura 2).

Figura 2 - Imagens das capas das obras de autoria de Machado de Assis.



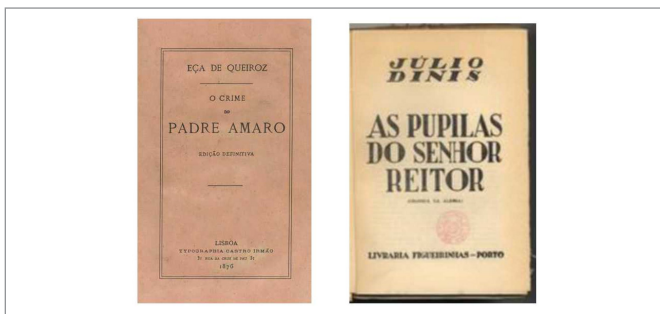
Lima Barreto (1881-1922), escritor do período do Realismo, faz alusão ao ofício do enfermeiro, na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915)⁽¹²⁾. O maranhense Aluizio Azevedo (1857-1913), pioneiro do Naturalismo, ao escrever *Casa de Pensão* (1884)⁽¹³⁾, incluiu cenas retratando a enfermagem prática (Figura 3).

Figura 3 - Imagens das capas das obras de autoria de Lima Barreto e Aluizio Azevedo.



Na literatura portuguesa, alguns escritores também incluíram a enfermagem nas páginas de seus livros, tais como Eça de Queiroz (1845-1900), que a abordou em *O crime do Padre Amaro* (1875)⁽¹⁴⁾; enquanto que Júlio Dinis (1839-1871)⁽¹⁵⁾ a retratou em *As pupilas do senhor reitor* (1867) (Figura 4).

Figura 4 - Imagens das capas das obras de autoria de Eça de Queiroz e Júlio Dinis



DISCUSSÃO

Análise sociolinguística de obras da literatura brasileira

Sociolinguística pode ser definida como o estudo do comportamento linguístico dos membros de uma comunidade e de como ele é determinado pelas relações sociais, culturais e econômicas existentes⁽¹⁶⁻¹⁷⁾. O estudo dos aspectos sociolinguísticos na obra literária é fundamental para a análise sociocultural das personagens, pela verificação do vocabulário que marcou a classe social, os tipos sociais ou, no caso, determinada profissão em sua época⁽¹⁸⁾.

No plano textual, têm-se a forma (elemento físico) e o conteúdo (representação abstrata); o conteúdo está ligado à forma e dela é interdependente. A análise semântico-lexical e semântico-gramatical da linguagem utilizada pelo escritor – na

literatura existente em sua aplicação escrita e lida –, realizada sob o enfoque do comportamento linguístico influenciado pelos fatores socioculturais, apresenta-nos a profissão no contexto da personagem. No entanto, o texto, como produto da atividade verbal humana e, dessa forma, possuidor de caráter social, está caracterizado não só por seu estrato semântico, mas também pelo comunicativo, cuja construção sintática se articula com base na sua integração em um contexto e – em relevância neste trabalho – na dependência das intenções do narrador e da personagem⁽¹⁸⁻¹⁹⁾.

Machado de Assis buscou, em sua obra, nivelar a narração e os diálogos “por cima”, evitando, geralmente, a transcrição do nível coloquial. Interessante notar que, com exceção de *Dom Casmurro*⁽¹¹⁾, em que foi Capitu quem serviu de enfermeira, assim como no conto *O enfermeiro*, também nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*⁽⁹⁻¹⁰⁾, quem pratica tal serviço são dois homens, ainda que, no primeiro romance citado, ele compare o ofício de enfermeira ao de mãe ou de irmã, qualificando-o como um “ofício feminino”, ou seja, função exercida apenas por mulheres.

Outra aparente contradição relacionada a tal ofício é que, enquanto em *Quincas Borba* e no conto *O enfermeiro* Machado de Assis não deixa de sinalizar, ainda que subliminarmente, a importância de seu papel em servir aos enfermos, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* o narrador-personagem ousa dizer que “estava só, em casa, com um simples enfermeiro”, ocorrendo o adjetivo “simples” no domínio do substantivo “enfermeiro” como atributo, a ele anteposto, colocação em que passa a ter a significação de mero, comum, que se encontra em nível pouco elevado de uma escala hierárquica; o oposto de “enfermeiro simples”, no sentido de modesto.

Em José de Alencar, por sua vez, a função é exercida por ambos os gêneros: tem-se, no romance *Lucíola*⁽⁷⁾, a Sr.^ª Jesuína, mulher de 50 anos, na função de enfermeira, e, em *O gaúcho*⁽⁶⁾, Manuel Canho, ainda um moço. O mesmo ocorre em *Casa de pensão*⁽¹³⁾, de Aluizio Azevedo, em que, na ausência da mulata que cuidava do enfermo, um copeiro fazia as vezes de enfermeiro.

Dos autores brasileiros e portugueses pertencentes ao Romantismo e ao Realismo/Naturalismo, citados neste trabalho, apenas Lima Barreto e Eça de Queiroz situam o enfermeiro no hospital – no primeiro, atuando junto a um médico –, como se pode observar nos trechos abaixo, extraídos, respectivamente, dos romances *Triste fim de Policarpo Quaresma*⁽¹²⁾ e *O crime do Padre Amaro*⁽¹⁴⁾ – já com ares de profissionalização:

Já era médico do Hospital Sírio, onde ia três vezes por semana e, em meia hora, via trinta e mais doentes. Chegava, o enfermeiro dava-lhe informações, o doutor ia, de cama em cama, perguntando: “Como vai?”

Uma tarde, que fora visitar uma prima enfermeira no hospital...

Nos romances e no conto analisados, o ofício de enfermeiro é exercido por parentes do enfermo, por conhecidos, criados da casa, ou pessoas contratadas da sociedade, em sua maioria de nível social médio.

Enquanto para a gramática tradicional a Morfologia é a parte que estuda as classes de palavras, seus paradigmas de flexões com suas exceções, para a linguística é o estudo da constituição das palavras e dos processos pelos quais elas são construídas a partir de suas partes componentes, os morfemas. A Sintaxe, por sua vez, é, segundo a gramática normativa, a parte que estuda as palavras enquanto elementos de uma frase, as suas relações de concordância, subordinação e ordem, e, para a linguística, o componente do sistema linguístico que determina as relações formais que interligam os constituintes da sentença, atribuindo-lhe uma estrutura⁽¹⁶⁾.

O substantivo (termo determinado) permite a representação linguística “objetivada” seres, objetos, relações, processos, propriedades. É, portanto, uma classe gramatical “nomeadora”, cuja função principal é a de exprimir o mundo extralinguístico⁽¹⁹⁻²⁰⁾.

O adjetivo (termo modificador) é a classe de lexema que, semanticamente, designa qualidades, propriedades ou relações, valores semânticos que não ocorrem de forma independente da realidade. Conforme o plano lexical ou semântico, os adjetivos podem ser divididos em duas subclasses: os adjetivos qualificativos – que denotam uma qualidade inerente às coisas, e os únicos que podem ser usados atributiva e predicativamente –, e os adjetivos relacionais – que indicam a relação da coisa designada pela palavra de relação com outra. O valor qualificativo ou relacional depende, muitas vezes, do contexto em que o adjetivo ocorre⁽¹⁹⁻²⁰⁾.

O verbo é a unidade de significado categorial que configura os processos da realidade objetiva no seu enquadramento temporal, caracteriza-se por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical, e pode ser distinguido, com base no significado genérico dos lexemas verbais, em verbo de ação, verbo de processo e verbo de estado⁽¹⁹⁻²⁰⁾.

José de Alencar, tanto em *Lucíola* quanto em *O gaúcho*, refere-se à enfermagem como uma profissão não institucionalizada:

Achei instalada em sua casa, como enfermeira, uma tal Sr.ª Jesuína...

Manuel passou a noite, como o dia, fazendo o ofício de enfermeiro.

No primeiro enunciado, tem-se o adjunto adverbial de conformidade “[trabalhando] como enfermeira”, e, no segundo, o verbo de ação “fazer” no sentido de “executar”, seguido da locução adjetiva “de enfermeiro”.

Repete-se a hipótese nos seguintes textos de Eça de Queiroz, sendo que no primeiro enunciado, o verbo “ocupar”

caracteriza-se por dois actantes: “os serviços de enfermeira” como sujeito-agente – “de enfermeira” uma locução adjetiva – e a forma pronominal “na” como objeto direto da frase ativa. No segundo, o grupo adjetivado “de enfermeiro” atua como pós-determinante nominal do substantivo nuclear “zelo”. E, no terceiro, tem-se uma estrutura nominal, com o verbo “ser” [foi] indicando estado, seguido do atributo “enfermeira da velha”.

Demais, os serviços de enfermeira ocupavam-na... / ... ficando com ele até à uma hora da noite num zelo de enfermeiro. Que rapaz! (O crime do Padre Amaro)

Durante um ano Juliana, roída de ambição, foi a enfermeira da velha. (O primo Basílio)

A mesma hipótese de profissão não institucionalizada pode-se depreender nos textos de Machado de Assis, Camilo Castelo Branco e Júlio Diniz:

...quis que Capitu lhe servisse de enfermeira” (Dom Casmurro)

Durou o cargo de enfermeiro mais de cinco meses, perto de seis. (Quincas Borba)

...e queria que ela fosse a enfermeira do meu doente... / Fazerem-na enfermeira dum doente... (Amor de perdição)

Durante a moléstia, foi Margarida desvelada e incansável enfermeira... (As pupilas do Senhor Reitor)

Nos cinco enunciados acima, observam-se, respectivamente: a) o verbo de ação “servir” é transitivo e tem dois actantes: o sujeito-agente da frase ativa “Capitu”, o objeto indireto “lhe”, seguido do adjunto adverbial de conformidade “de [como] enfermeira”; b) o sintagma nominal “o cargo de enfermeiro” é o agente da ação do verbo “durar”, sendo “de enfermeiro” um modificador do termo nuclear “cargo”; c) o verbo de estado “ser” (fosse), seguido do grupo adjetival “a enfermeira do meu doente” e “desvelada e incansável enfermeira”, funcionando como atributos dos sujeitos “ela” e “Margarida”; e, d) uma estrutura verbo-nominal com o verbo “fazer” como verbo transitivo direto pronominal e indireto predicativo (TDpIPred), sendo “enfermeira” atributo dado ao objeto direto “na” [ela], e “dum doente” o actante beneficiário da ação verbal.

O uso de adjetivos qualificativos e verbos de ação e de estado encontra-se presente em alguns autores, ao se referirem ao ofício de enfermeiro. Segundo Machado de Assis, no conto *O enfermeiro*, tal função deve ser exercida por “pessoa entendida, discreta e paciente”. No romance *Quincas Borba*, o autor descreve Rubião como “paciente, risonho, múltiplo” no exercício da enfermagem. Júlio Diniz, em *As pupilas do Senhor Reitor*, retrata Margarida no papel de enfermeira como “desvelada e incansável”, além de “carinhosa” para com a enferma. Todas essas qualificações Eça de Queiroz resume, em *O crime do Padre Amaro*, na expressão “zelo de enfermeiro”.

Verbos de ação e de estado também estão presentes nessas

obras. Em *Luciola*, José de Alencar destaca que “a Sr.^a Jesuína tinha sempre um remédio a dar, um travesseiro a endireitar, uma recomendação a fazer” – o verbo “ter”, acompanhado do advérbio de tempo “sempre”, denota obrigação ou dever de executar a ação expressa nas orações relativas atributivas restritivas *a dar, a endireitar, a fazer*, aqui reduzidas de infinitivo, e apresentadas de forma tríplice, como forma de reforçar a ação da enfermeira. Em *Quincas Borba*, de Machado de Assis, encontra-se o enfermeiro “ouvindo as ordens do médico, dando os remédios às horas marcadas, saindo a passeio com o doente, sem esquecer nada...” – *ouvindo/dando/saindo*, no gerúndio, indicam ação contínua, que nunca termina.

A literatura também mostra os transtornos que surgem durante o processo do cuidar, o que é retratado por Machado de Assis, no conto *O enfermeiro*: “... uma vida de cão, não dormir, não pensar em mais nada, recolher injúrias, e, às vezes, rir delas, com ar de resignação e conformidade...”. Tais percalços, no entanto, são minimizados – pelo autor e a personagem – na utilização dos substantivos abstratos “resignação” e “conformidade”, designando o estado vivenciado dia a dia pelo enfermeiro.

Cotejando a história da enfermagem com as obras analisadas – no tempo originário das publicações, fim do século XIX –, encontraram-se resultados deveras significativos, pois os escritores criaram personagens fictícios no ofício de enfermagem atuando de forma prática, sem formação profissional, conforme a análise sociolinguística efetuada.

O material histórico encontrado referente às personagens é coerente com a época da publicação das obras. Ou seja, pela história e tratamento analítico realizado, as personagens literárias, nas cenas romanceadas, realizam apenas ofício de enfermagem – serviço prestado à comunidade, sem definição de regras–; e não exerciam a profissão – atividade composta de corpo profissional que possui título da formação, exerce atividade semelhante, tem organização associativa e código de ética e deontologia⁽¹⁾; as obras mostram a enfermagem anterior à formação acadêmica.

CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou dados históricos e significativos sobre a enfermagem, pelo olhar de escritores de literatura, que construíram distintas personagens praticando ações do cuidar, contextualizadas no período de não institucionalização e formação profissional.

Da análise sociolinguística, desvelaram-se ações praticadas pelas personagens – o típico ofício –, associadas ao cuidado pré-profissional, apresentando questões importantes para a história da enfermagem.

As obras literárias revelaram-se materiais históricos valiosos para a enfermagem – a despeito de evidenciar as personagens atuando de forma prática e fictícia –, mas tais ações relacionadas ao cuidar, nas páginas de obras literárias clássicas, constituem registros da importância da enfermagem desde os tempos pretéritos.

REFERÊNCIAS

- Oguisso T, Souza Campos PFS, Moreira A. Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens. *Enferm. Foco*. 2011. [Acessado em 3 out 2016]; 2(sup):68-72.
- Oguisso T, Souza Campos PF, Moreira A. Por que e para que estudar história da enfermagem? *Enferm Foco*. 2013. [Acessado em 21 out 2016]; 4(1): 49-53.
- Soares MI, Vieira NF, Souza Júnior DI, Silva NCM, Resck ZMR. A produção do conhecimento na enfermagem à luz do modelo *nightingaleano*: uma revisão narrativa. *Hist. Enf. Rev. Eletr (HERE)*. [Internet]. 2014. [Acessado em 11 nov 2016]; 5(2): 239-248. Disponível em: <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol5num2artigo6.pdf>
- Silva O, Alves ED, Rodrigues MCS. Liricidad y toque de arte para la producción del conocimiento estético de enfermería – una reflexión poética inspirada en la Teoría de la Complejidad. *Cultura de los Cuidados* [internet]. 2014. [Acessado em 15 out 2016]; 18(39):14-29. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/40063/3/Cultura_Cuidados_39_03.pdf
- Pinheiro FT, Mendes F. (2012). As enfermeiras e a enfermagem na época vitoriana segundo a obra de Anne Perry. *Hist. Enf. Rev. Eletr (HERE)*. [Internet]. 2012. [Acessado em 20 dez 2016]; 3 (2): 97-108. Disponível em: <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol3num2artigo1.pdf>
- Oguisso T, Silva O. Literatura y enfermería: Fuentes y saberes para investigación en historia. *Cultura de los Cuidados*. [Internet]. 2017. [Acessado em 10 mai 2017]; 21(47): 129-148. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/65770/1/CultCuid_47_11.pdf
- Alencar J. *O gaúcho*. São Paulo: Martin Claret;2014.
- Alencar J. *Luciola*. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos;2012.
- Assis M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Penguin Companhia;2014.
- Assis M. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Penguin Companhia;2012.
- Assis M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira;2007.
- Barreto L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.
- Azevedo A. *Casa de pensão*. São Paulo: Editora Ateliê;2014.
- Queiroz E. *O crime do Padre Amaro*. São Paulo: Editora Ática;1989.
- Dinis J. *As pupilas do Senhor Reitor*. 8ª ed., São Paulo: Editora Ática, 1987.
- Preti D. *Sociolinguística: os níveis da fala, um estudo sociolinguístico do diálogo literário*. 9ª ed. São Paulo: Edusp; 2003.
- Houaiss A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva;2009.
- Silva MS. O estudo da variação linguística no diálogo de ficção. *ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Ocidental*. [Internet]. 2014. [Acessado em 7 dez 2016]; 3(5): 1-22. Disponível em: <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/anthesis/article/download/161/69>
- Vilela M, Koch IV. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, PT: Almedina;2001.
- Bechara E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna; 2015.